

## PSICOLOGIA ANALÍTICA E NAZISMO

Maria de Lourdes O. Reis da Silva<sup>1</sup>

Este é o primeiro de uma série de textos que apresentarei sobre a Psicologia Analítica e o Nazismo, a partir dos posicionamentos de Carl Gustav Jung a respeito do período histórico vivenciado pela Alemanha. Uma análise criteriosa de Jung sobre esse momento político da Alemanha, que teve repercussões para toda a humanidade.

Há uma tendência na história da humanidade para a política se organizar em ciclos, e Jung estudou e refletiu sobre como isto se dá em diferentes épocas, considerando o conhecimento construído pela ancestralidade dos povos e a interferência do inconsciente coletivo na experiência pessoal, social e política da humanidade. Ele faz uma análise sobre o surgimento do Nazismo e a atuação de Hitler colocando-se como cidadão do mundo e seu foco é a alma humana, o ser em si, não importando crenças ou nacionalidade.

Jung fez acurados estudos sobre o fenômeno religioso, buscando fontes na história da humanidade, detendo-se na reflexão sobre a alma humana e seus conteúdos arquetípicos, que são as “representações primordiais coletivas”, encontradas em diferentes religiões, ressaltando a importância de consagrar um novo sentido aos valores que a tradição cultua. Ele propõe que a psicoterapia amplie o seu olhar no sentido de encarar a psique como um todo, muito além das manifestações patológicas. E foi com esta perspectiva que, quando era presidente honorário da Associação Médica Geral de Psicoterapia, aceitou, por insistência de membros dirigentes, a chefia da publicação do *Zentralblatt für Psychotherapie*. Com certeza, não foi uma decisão fácil de ser tomada, dado o seu posicionamento quanto à validade de continuar como um “neutro precavido” ou ariscar-se às incompreensões a que estavam sujeitos todos que faziam algum pacto com forças políticas na Alemanha. E ele reflete, ao sentir-se na obrigação de tomar uma decisão, no sentido de atender às expectativas de seus colegas, às necessidades das pessoas doentes e no interesse da ciência: “eu deveria sacrificar o interesse da ciência, o coleguismo, a amizade que me ligava a alguns médicos alemães e a

---

<sup>1</sup> Doutorado e Mestrado em Educação pela Universidade Federal da Bahia. Psicopedagogia pela Universidade Católica de Salvador. Arte terapeuta pelo Instituto Junguiano da Bahia. Curso de Psicologia pelo Centro Universitário Estácio da Bahia, 10º Semestre.

viva coesão da cultura de língua alemã ao meu bem-estar egoísta e à minha opinião política divergente?” (JUNG, 2011, § 1.016-1.018).

Era grande e iminente o risco que a Psicoterapia na Alemanha corria, de ser derrubada por um simples decreto, já que não existia jornal ou associação que não fossem coordenados pelo governo, com a obrigatoriedade de que “todas as entidades, órgãos, partidos, associações etc.” precisavam ter na sua direção componentes nazistas. Jung se reporta à dificuldade que os cientistas tiveram para compreender tal realidade na Suíça, retrocedendo seu raciocínio ao tempo em que as pretensões totalitárias da Igreja ditavam as normas, no emaranhado de necessidades de dominação política e religiosa. Do ponto de vista da Psicologia Analítica, todos os períodos e acontecimentos históricos são registrados no inconsciente coletivo da humanidade.

Naquela época o arame farpado ainda não havia sido inventado e, por isso, não havia campo de concentração; em seu lugar, a Igreja usava grande quantidade de lenha. O juramento ‘modernista’ de hoje é um resto bem fraco e manso de uma ‘Gleichschaltung’ bem mais severa e palpável. À medida que a autoridade da Igreja foi fenecendo, o Estado foi se substituindo à Igreja, pois a pretensão totalitária quer manifestar-se de alguma forma (JUNG, 2011, § 1.019).

Esta fala de Jung sobre o juramento modernista, lembrou-me o conceito de Lacan sobre o objeto *a*, o *resto*, na sua análise a respeito do *acting out*. “Entre o sujeito \$, aqui ‘Outrificado’, se posso me expressar desse modo, em sua estrutura de ficção, e o outro, A, não autenticável, nunca inteiramente autenticável, o que surge é esse resto, *a*, é a libra de carne” (SEMINÁRIO 10, 2005, p. 139). Concepções se encontram e se presentificam no pensamento analítico de estudiosos, de diferentes visões, a todo o instante.

“A arte terapêutica nada tem a ver com política (oxalá tivesse!), por isso ela pode e deve ser exercida sob qualquer regime político para o bem dos que sofrem”, (JUNG, 2011, § 1.022). Assim, ele justifica a sua escolha em fazer um pacto com as forças políticas existentes na Alemanha nazista e conservar-se fiel a seus amigos médicos, que precisavam de sua competência, para atender às necessidades humanas naquela circunstância traumática por que passavam os povos envolvidos politicamente e vítimas do nazismo. Ele resolve seu conflito moral e assume a posição do estudioso que vê para além da ciência ortodoxa, as singularidades da pessoa e dos grupos sociais no processo histórico da humanidade.

“Os alemães chamam o seu Führer de ‘nossa Joana D’Arc’”. Lembra Jung, para dizer que “a experiência mística bem como a identificação com uma figura arquetípica emprestam

ao ser humano forças quase sobre-humanas”, tornando-o “receptivo a influências inconscientes” (JUNG, 2012, § 1.333). Hitler era visto pelos seus seguidores como um ser revelador e isto lhe emprestava poderes políticos e sociais. Jung se expos a inevitáveis incompreensões para analisar o ser humano inserido no espírito de sua época, sujeito às elaborações da ciência, da arte, da filosofia e da vivência religiosa. Compreendeu que existe algo nele “que é de natureza divina, não amaldiçoado em sua própria obra, nem aprisionado em sua própria construção (JUNG, § 1.019).

Como um homem de visão abrangente na análise do homem histórico-vivencial, ele diz: “A desordem é destrutiva. A ordem é sempre uma jaula. A liberdade é privilégio da minoria e se baseia sempre no detrimento de outras pessoas” (JUNG, 2012, § 1.338). Na visão de Jung, a persona, não é o caráter verdadeiro do ser humano, é “um composto do comportamento do indivíduo e do papel a ele atribuído pelo público” (JUNG, 2012, § 1.334).

## **REFERÊNCIAS**

JUNG, C. G. Escritos diversos. Prefácio da edição alemã: abril, 1963. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

\_\_\_\_\_. A vida simbólica 18/2. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

LACAN, Jacques. O Seminário, livro 10: a angústia. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.